



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA ARTE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES
MESTRADO ACADEMICO EM ARTE

BERNARD DA TRINDADE BAHIA FREIRE

PALAVRA-CORPO: uma cartografia fragmentária, enigmas do livro de artista
na construção dos espetáculos

BODYWORK: a fragmentary cartography, artist's book enigmaes in the
construction of spectacles

BELÉM
2019

BERNARD DA TRINDADE BAHIA FREIRE

PALAVRA-CORPO: uma cartografia fragmentária, enigmas do livro de artista
na construção dos espetáculos

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Artes – PPGARTES, do Instituto de Ciências da Arte – ICA, da Universidade Federal do Pará – UFPA, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Mestre em Artes.

Orientador: Prof. Dr. Joel da Silva Cardoso

Linha de pesquisa: Teorias e interfaces epistêmicas em artes

BELÉM
2019

Dados Internacionais de Catalogação- na-Publicação (CIP)
Biblioteca do Programa de Pós-Graduação em Artes/UFPA

F866p

Freire, Bernard da Trindade Bahia

Palavra-corpo: uma cartografia fragmentária, enigmas do livro de artista na construção dos espetáculos / Bernard da Trindade Bahia Freire. – 2019.

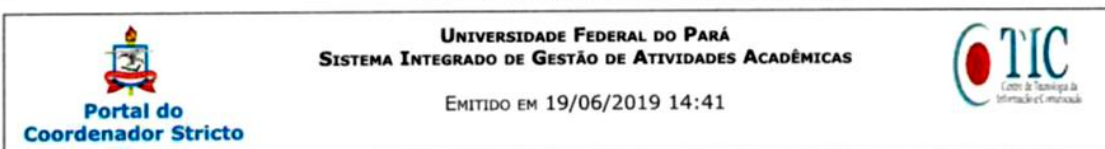
56 f. : il. color. ;

Orientador: Prof. Dr. Joel da Silva Cardoso

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará, Instituto de Ciências das Artes, Programa de Pós-Graduação em Artes, Belém, 2019.

1. Dramaturgia. 2. Performance (Arte). 3. Processo criativo. I. Título.

CDD 23. ed. - 792



DECLARAÇÃO

Declaramos, para os devidos fins, que o aluno **BERNARD DA TRINDADE BAHIA FREIRE** foi aprovado(a) na DEFESA de DISSERTAÇÃO em MESTRADO EM ARTES/PPGARTES - Belém do Curso de MESTRADO, no dia 28 de Junho de 2019 às 16:00, no(a) Sala 01 - PPGARTES, UFPA, cuja banca examinadora fora constituída pelos professores:

Doutor (a) JOEL CARDOSO DA SILVA
(Presidente)

Doutor (a) CESARIO AUGUSTO PIMENTEL DE ALENCAR
(Interno)

Doutor (a) LARISSA LATIF PLACIDO SARE
(Externo à Instituição)

A sua DISSERTAÇÃO intitulou-se:

PALAVRA-CORPO: UMA CARTOGRAFIA FRAGMENTÁRIA, ENIGMAS DO LIVRO DE ARTISTA NA CONSTRUÇÃO DOS ESPETÁCULOS

Esta declaração não exclui o aluno de efetuar as mudanças sugeridas pela banca nem vale como outorga de grau de MESTRADO, de acordo com o definido na Resolução 072/2004-CONSEPE.

Belém, 19 de Junho de 2019.

ANA FLAVIA MENDES SAPUCAHY
COORDENADOR(A) POS-GRADUACAO EM ARTES

SIGAA | Centro de Tecnologia da Informação e Comunicação (CTIC) - (91) 3201-7288/7808/7802/7391/7800/2061 |
Copyright © 2006-2019 - UFPA - bacaba.ufpa.br.bacaba1

RESUMO

A seguinte dissertação procura analisar uma cartografia construída a partir de processos artísticos vivenciados por mim, apresentando uma performance midiática como resultado desse conteúdo que converge entre o real e o virtual. A análise consiste em observar os trabalhos de processos de criação que estão postados no blog *palavra-corpo* de forma fragmentada e criar, além desses fragmentos, outras possibilidades através de tudo que me travessa durante os ensaios e experimentos que respiro. Esse corpo está posto através de uma poética de si por meio de textos, fotografias, sons, imagens, rabiscos, vídeos e outras interações virtuais que levam a leitura para além da plataforma blog. A cartografia artística procura mostrar um documento pessoal dos processos que vivencio, compreendendo meu saber-fazer artístico e buscando entender essa virtualização que se insere junto ao corpo nessa re-construção do imaginário criado. Imaginário esse, compartilhado a partir do que faço e mostro, em partes, através desse corpo que se amplia nessa confluência midiática. Esta dissertação procura mostrar para o leitor uma pesquisa entre a leitura textual e a performance, processo fragmentado que desenvolvo enquanto artista. A pesquisa aborda, por meio de referências teóricas, um discurso que busco interpretar junto a outros artistas, o que reconheço por meio das experimentações nos processos teatrais/performáticos/midiáticos que se constroem. Dialogando a ideia reconhecida com conceitos midiáticos que se infiltram nos trabalhos artísticos após sua criação e expandindo, dessa forma, o processo de criação para futuras re-produções dessa própria ideia. Nessa junção entre o corpo real e virtual, apresento dois espetáculos teatrais *Reator Eterno* e *I(MUNDO) UBU*, que mostram os registros para uma interação multimidiática, possibilitando outro movimento da criação, uma continuidade sem demarcações e fins absolutos das obras por meio da web. A pesquisa, através dessa cartografia fragmentada, se conecta ao virtual para compartilhar registros dos processos artísticos que vivenciei, conectando o espectador aos trabalhos através da leitura hipertextual da escrita no caderno de artista em diversas mídias. Mostrando como resultado uma apresentação performática desse ambiente que procuro descrever no discurso dessa pesquisa, amplio os sentidos de um corpo que move sobre essa virtualidade do presente.

Palavras-Chave: Virtual. Cartografia. Blog. Hipertexto. Mídia

ABSTRACT

The following dissertation tries to analyze a cartography constructed from artistic processes experienced by me, presenting a content that converges between the real and the virtual. The analysis consists of observing the workings of creation processes that are posted on the *palavra-corpo* blog, in a fragmented way and create beyond these fragments other possibilities through every thing that transforms me during the trials and experiments that I breathe. This body is put through a poetic of itself through texts, photographs, sounds, images, scribbles, vídeos and other virtual interactions that lead to reading beyond the blog platform. Artistic cartography seeks to show a personal document of the processes that I am experiencing, understanding my artistic know-how and seeking to understand this virtualization that is inserted next to the body in this re-construction of the imagery created. Imaginary this, shared from what I do and show, in parts, through this body that expands in this mediatic confluence. This dissertation seeks to show the reader a research between textual reading and performance that fragmented process that I develop as na artist. The research addresses, through theoretical references, a discourse that I seek to interpret along with other artists that I recognize through the experiments in the theatrical/performative/mediatic processes that are constructed. According to the Idea recognized with media concepts that seep into the artistic work safter its creation, expanding the process of creation for future re-productions of this own idea. In this junction between the real and virtual body, I present two theatrical spectacles *Reator Eterno* and *I(MUNDO) UBU*, that show the records for a multimedia interaction, allowing another movement of creation, a continuity without demarcations and absolute ends of works through the web. The research through this fragmented cartography connects to the virtual to share records of the artistic processes that I experienced, connecting the viewer to the works through the hypertextual reading of the writing in the artist's notebook in various media. The result is a performance of this environment that I try to describe in the discourse of this research, amplifying the senses of a body that moves on this virtuality of the present.

Keywords: Virtual. Cartography. Blog. Hypertext. Media.

Sumário

Introdução

1 - Uma cartografia do corpo entre palavras e fragmentos.....	08
1.1 - Palavra-corpo: o hipertexto de um artista.....	14
1.2 - O olhar performático do corpo virtual.....	21
2 - O caderno virtual mutualizado em fragmentos.....	28
2.1 - Projeto Reator Eterno – Estúdio Reator.....	30
2.2 - Espetáculo I(mundo) Ubu – Cia Imundas de Teatro.....	43
3 - A imaginação cênica-performática codificada.....	48
3.1 - Considerações Finais.....	50
Referências Bibliográficas.....	51

À todas as coisas que me aconteceram até aqui, e outras em especial que procuro guardá-las ou compartilhar em segredos codificados.

INTRODUÇÃO

Para ficar claro, essa pesquisa é uma performance midiática que foi construída a partir das tecnologias digitais como experimento de uma composição cênica performática. O trabalho em si, poderá ser visualizado no vídeo que se encontra no DVD em anexo desta dissertação.

Apresentar uma obra através do corpo desenvolve a realização do conjunto entre pensamento e matéria, o acontecimento real da percepção e do diálogo por meio das ações físicas. Um processo artístico é construído a partir de experimentos que ampliam a ideia do trabalho e realizam uma comunicação do que se está construindo para absorvermos a visualização e compreensão do processo.

A ideia do *palavra-corpo*, nesta pesquisa, é apresentar a possibilidade do desenvolvimento da escrita que modifica o sentido das informações em variadas linguagens midiáticas na plataforma virtual, recriando informações a partir dos registros e conteúdos postados no caderno de artista que permitem se conectar com outras ideias.

Dessa maneira, descreve-se e cria-se uma cartografia pessoal dessa vivência artística que procuro produzir em diversos fragmentos surgidos no processo. Para isso, observa-se, ainda, o conceito de *hipertexto* descrito no decorrer da leitura, além de como este se torna referência para a compreensão da escrita artística e da sincronização dos pensamentos entre real e virtual.

A obra que construo nessa pesquisa modifica meus entendimentos, faz-me perceber um viés para trabalhar de variadas formas aquilo que invento num lugar híbrido onde os registros ficam compartilhados, fazendo parte dessa cartografia que busco construir em fragmentos poéticos como artista/criador.

Permitindo-me experimentar o que vai de encontro com a pesquisa para alcançar algo, criando o registro da arte que se manifesta no tempo presente de um momento, mostrando a criação que vai surgindo com o movimento da imaginação refletida na ação.

É através do processo de criação que busco pesquisar o sentido da obra que surge, procurando descrever minha ideia por meio de roteiros, sons, imagens, a leitura que tento realizar enquanto artista performer.

Procuro descrever as minhas sensações, o que o corpo fala além das palavras. Demonstrando na performance a compreensão desse imaginário que transborda em mim, e que me leva para outra sensação que se conecta com o andamento da pesquisa. Os sons, as imagens, as projeções, as essências, o ambiente e se modificam com o pensamento realizado.

A transição é corrente, energia que sai pelos poros arrastando a outra camada que personifica o atuante em sentidos variados de apresentação. A atenção é única, o diálogo é com o espaço, com o preenchimento do ar, da platéia e de todas as partes que tencionam a energia em volta.

A fala é a vibração do pensamento ensaiado em articulação emocional, liberdade das cordas vocais que contam uma história, um anúncio verdadeiro que transmite o acontecimento da vida real. A mensagem é o som que enlouquece a mente de todo o conjunto.

Essas pequenas cenas virtuais vão deixando referências para outro processo de criação. Tudo vai passar, acabar, mas o registro ficará. É como a desconstrução de um personagem para outro que deixa o atuante atento para as mudanças que aparecem, procurando adaptar a cena efêmera que surge em processos criativos, buscando um novo olhar para o espetáculo.

A arte teatral é uma apresentação única, que por mais que se apresente o mesmo outra vez, nunca será como no momento em que ela aconteceu anteriormente. Não procuro descrever meus pensamentos nessa dissertação, mais apresentar e deixar fluir a compreensão para o leitor imaginar. Visualizando a partir dos suportes midiático os registros desse acontecimento, que pode caminhar numa ponte para outra observação e criação dessa pesquisa.

Vejo o amanhã com os olhares deixados pelos rastros hipermidiáticos, visualizando camadas que me compuseram e concretizando parte dos sentidos de um novo olhar que surge em cada ponto criativo. Conectando-me nessa

rede rizomática de saberes, juntando os conhecimentos e multiplicando o formato. Temos que nos adaptar ao novo e revolucionar nossas produções, o que vivenciamos durante a descoberta de saberes que surgem do agora.

Nessa ideia, a dissertação apresenta uma base desse imaginário que está por entre as interatividades virtuais e na energia espalhada no espaço que meu corpo tenta compreender enquanto artista pesquisador.

A ideia se dá no movimento da ação que determino, interpretando a imaginação numa performance teatral da vida. Apresentando o que não existe, demonstrando no corpo uma metáfora da imaginação uniforme das palavras, de um tempo perdido nesse esquecimento, de uma leitura em imagem codificada pelo pensamento e de tudo o que me atravessar.

Uma cartografia do corpo entre palavras e fragmentos

É preciso continuar, eu não posso continuar, é preciso continuar, é preciso pronunciar palavras enquanto as há, é preciso dizê-las até que elas me encontrem, até que me digam – estranho castigo, estranha falta, é preciso continuar, talvez já tenha acontecido, talvez já me tenham dito, talvez me tenham levado ao limiar de minha história, eu me surpreenderia se ela se abrisse¹.

Michel Foucault

A força de um artista vem das suas derrotas.

Só a alma atormentada pode trazer para a voz um formato de pássaro. Arte não tem pensa:

O olho vê, a lembrança revê, e a imaginação transvê.

É preciso transver o mundo.

Manoel de Barros

Cartografar é ter um objetivo, uma noção para onde se está indo diante do processo artístico em andamento. Vamos juntando as partes e todas as possibilidades que possam contribuir no processo criativo. Abrimos caminhos a partir das nossas leituras e desenvolvimento do pensamento. Tudo o que colocamos em prática contribui, em pequenos detalhes, na elaboração da obra que gera um sentido para o nosso entendimento. A obra de arte é constituída de fragmentos, informações híbridas atravessadas por sentimentos que é a essência fundamental para imaginarmos outro conteúdo.

Falar do processo cartográfico nessa pesquisa é colocar todos os registros artísticos que acompanharam o meu pensamento, o meu corpo e o fazer teatral junto ao outro e toda criação que ainda me atravessa enquanto artista. É mostrar os registros que se desenvolvem diante da minha observação a partir de leituras, estudos e criações como ator compartilhado em grupo por meio de ensaios e criações. A cartografia nessa pesquisa são todos os registros e atravessamentos do meu ser artista que explica a obra que está

¹ FOUCAULT. A Ordem do Discurso. São Paulo: Edição Loyola, 2014, p. 6.

sendo estudada a partir do que ficou; do experimento ao resultado que se foi trabalhado para falar algo.

O modo como isso se desenvolve é orgânico, perpassa pelos pensamentos e atinge o movimento real que apresenta o trabalho artístico diante da minha percepção, abrindo para outras possibilidades de entendimento do que se foi criado. Os experimentos no processo apresentam conteúdos para a compreensão da obra como: a cena, a interpretação, a performance, o figurino, a maquiagem, o cenário, e tudo o que vem a construir o trabalho a partir das investigações e criações que surgem durante a pesquisa.

No caso do palavra-corpo², esses conteúdos estão cartografados em postagens fragmentadas que desenvolvem a minha compreensão artística, onde vivencio o instante que se dá na modificação do tempo entre improvisos, repetições, treinamentos e releituras; sempre contextualizando o trabalho com o discurso atual. Os fragmentos apresentam pensamentos que surgem na produção de conteúdo para a realização da minha obra artística, sendo experimentado durante o processo de criação a sua necessidade de composição com a obra.

Tudo atravessa, o plano de construção é aberto, está no corpo presente no espaço, na cartografia artística que permite analisar as produções de conteúdos da pesquisa. Cada referência participa de um conjunto de ideias onde minha percepção se desenvolve de acordo com o que se passou no processo.

O acompanhamento dessas referências mantém distanciamento de um objeto que contenha verdades abstratas, sendo cartografadas para futuramente remeter algum sentido ao processo. A realização da obra consiste em observar atentamente o processo através da sintonia que me possibilita modificar o trabalho artístico do pensamento e do corpo na produção de conteúdo da pesquisa.

² Livro de artista virtual que apresenta conteúdos pessoais de processos de criação, disponibilizado na plataforma blog através do endereço: <http://palavra-corpo.blospot.com>

A cartografia através do palavra-corpo é uma pequena parte da imensidão que a pesquisa desenvolve, suas postagens fragmentadas apresentam enigmas da escrita no livro de artista; um diário de bordo virtual que conduz as informações registradas para a compreensão do trabalho em processo de construção. Busca-se desvendar e analisar as partes, a leitura e o desenvolvimento que ultrapassa o corpo físico e se lança nessa plataforma virtual, pretendendo observar o movimento dessas palavras que atravessam os vários gêneros midiáticos que constituem parte da memória capitada do processo.



Blog *Corpo Palavra*. (<https://palavra-corpo.blogspot.com>)

Para a pesquisadora e professora Virginia Kastrup, no livro *Pista do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*, a ideia da cartografia é um método a ser experimentado que ajudará o encenador a montar seu espetáculo por meio de pistas.

(...) as pistas que guiam o cartógrafo são como referências que ocorrem para a manutenção de uma atitude de abertura ao que vai se produzindo e de calibragem do caminhar no próprio percurso da pesquisa. (KASTRUP, 2009).

É através de um percurso artístico que descrevo a criação da minha obra em meio a conteúdos, relacionado com outras referências para mudar ou

relacionar a leitura com minhas próprias visões e perceber o que chega, para assim poder trabalhar a ideia que surgir. O olhar na pesquisa é aberto e sem foco. Mesmo sem saber o que pode acontecer, a atenção deve perceber o que complementa o processo, criando pistas e ligando-as ao conjunto da cena. Cada registro contém informações diferentes para a ampliação da obra durante o processo, onde cada parte será analisada para se construir novamente em outro processo.

Durante os ensaios compartilhei leituras como grupo, troquei e, de todos, recebi observações das pistas e uma compreensão do espetáculo a ser montado. Nesse sentido, a minha cartografia artística nessa pesquisa é um grande olhar sobre a encenação, uma observação bem detalhada de todos durante o processo da criação teatral em registros.

O desenvolvimento da escrita se dá por diversos textos espalhados que digitalizam as informações visuais dos registros de processos de criações entre as variadas linguagens midiáticas cartografadas, apresentando o trabalho em andamento. Não busca-se, no primeiro momento, a compreensão da obra, mas sim sua representação enquanto conteúdo compartilhado na internet. A visualização é uma representação do eu multiplicado em rede que se dissolve na virtualização.

Se observarmos esse movimento, compreenderemos o caminho que nosso conhecimento vai percorrendo, transmitindo para outra realidade (virtual) o comportamento presente que se esvai pelas linhas de diferentes ideias da nossa condição. A professora de teoria literária Luciene Azevedo fala em seu artigo intitulado *Blogs: a escrita de si na rede dos textos*, sobre esse movimento múltiplo e fragmentado a qual representamos nossa personalidade diante desse espaço virtual:

Se é de bom tom driblar ingenuidades, evitando relacionar mecanicamente a escrita fragmentária e confessional como crias da internet, também é possível realçar a flexibilidade de um espaço que aceita um texto apressado, quase-rascunho e, ao mesmo tempo, é um laboratório onde podem-se testar vários estilos, um espaço de experimentação livre em que todos os autores procuram fixar uma voz própria. (AZEVEDO, 2007, p. 46)

Durante o processo de criação, as ideias se multiplicam entre os diálogos que se intensificam por meios de movimentos, textos, expressões e dispositivos de gravação que registram o acontecimento do andamento da pesquisa. Facilitando a visualização em cima da imaginação que está sendo criada para entendermos a forma de cada caso, questionando a própria identificação da imagem, do que se vê, se sente e produz por meio de outra imaginação. Procuo agir através disso para manter um raciocínio da compreensão de tudo que está em volta, interpretando o tempo e os acontecimentos das coisas.

A arte é imaginativa, nos permite chegar num lugar, partir para outro, seguindo o movimento da imaginação. Ela transita em nossas vidas. O trabalho artístico experimentado suscita algo que facilita o meu entendimento diante da criação de algo vivenciado, cartografado pelo sentido que compõe o discurso da minha interpretação. No meio dessas informações há uma reprodução dos pensamentos que emerge para além do corpo, se joga na rede criando uma memória artística do processo. As imagens desenvolvidas possibilitam uma camada de pensamento sobre elas mesmas, expressando os sentimentos que atravessam o corpo vivo nessa energia, que é a vida.

Propagamos pensamentos, ideias, dúvidas, condições, possibilidades, modos, vontades, impulsos, nós nos desenvolvemos e nos comunicamos. Estamos nas redes, nos tecidos (o tecer da aranha), nas linhas, conexões, membros, criações, pontos, rastros, rizomas, crescentes, saídas, signos, posições, dimensões, mudança de natureza, devires, um véu de códigos. Imaginar tudo isso nesse campo midiático e aplicar no processo de criação artística determinam a obra que explora um pensamento sobre cada ponto que surge.

O blog palavra-corpo se apresenta como referência desse diálogo entre os trabalhos digitalizados no livro de artista virtual. Sem a arte não há virtualização. Não há o entendimento de tudo o que se passa em nosso pensamento. O palavra-corpo é uma rede de comunicação coberta de memórias de trabalhos artísticos que realizo. Os registros midiáticos são pistas que podem me auxiliar numa nova redescoberta da construção desses trabalhos, move instintos e identificações que direcionam o processo criativo na

continuação da pesquisa. É um ponto de apoio que me faz compreender o conhecimento que surgir nos devires. É um lugar de possibilidades, abre-se para novos olhares a partir do que se tem em seu próprio lugar, do que se constrói nesse mundo e se modifica em rede para uma nova representação. A leitura do palavra-corpo volta para o mesmo caminho entre as linhas para poder caminhar em outra direção, clareia sentidos, move-se perante uma rede enigmática de dígitos, vozes, sons e imagens. É uma representação de mundo que necessita ser desvendado diante de sua leitura, do que se fala nesse lugar, da linguagem virtual que as postagens sustentam. É saber pensar em seu conteúdo e ver o que fica para o público nesse espaço movimentando um diálogo com o todo.

Por outro lado, devemos saber que o blog palavra-corpo é apenas uma parte de um todo que atravessa o meu corpo nessa vivência de mundo, criando fragmentos de processos artísticos diante de uma memória. Nesse processo cartográfico percebo o que se dá na imaginação, nos sentidos desse espaço de percepções, no silêncio que a mente pode compreender, no lugar que se parece com o lugar. São estas linhas do abismo que a rede permite rastrear, por entre os enigmas que me informam outra possibilidade, nas coisas que deixam o processo em criação e onde cada ponto mostrar o caminho para o conhecimento. O pensamento dessas construções também é em conjunto, o que eu não conseguir registrar, o outro registrará por mim para poder se ter a ideia que o processo cartográfico sustenta na criação.

As inúmeras informações que esse local de pesquisa me apresenta, alimentam o conteúdo na rede midiática e se distanciam de sua representação, fluem para outros discursos em rede e me mostram outra ideia para compreender o que foi suscitado. O registro no palavra-corpo ajuda a interpretar casos na pesquisa, muda a forma, o significado das palavras, a imagem que refleti sobre um novo conceito que deve ser desmistificado, argumentado e explicado nesse conjunto de significados ordenado pelos códigos. As informações chegam aos cantos, aos espaços vazios, se flexibiliza nas infiltrações da rede que comunicam algo. A mensagem chega numa velocidade interferindo nos pensamentos e modificando casos para a repercussão de si e o desdobramento que interaja ao conjunto mantendo uma

conexão de sentidos. O escritor Roland Barthes comenta em seus escritos sobre um significado profundo que esses meios apresentam comparando ao teatro que comunica algo para o público:

Que é o teatro? Uma espécie de máquina cibernética. Na folga, esta máquina fica escondida atrás de uma cortina. Mas a partir do momento que a descobrem, ela se põe a enviar para o seu endereço um certo número de mensagens. Estas mensagens têm isto em particular: são simultâneas, e no entanto, de ritmo diferente; em determinado ponto do espetáculo, você recebe *ao mesmo tempo* seis ou sete informações (vindas do cenário, do figurino, da iluminação, da marcação, dos gestos dos atores, de suas mímicas, de suas falas), mas algumas dessas informações *ficam* (é o cão do cenário), ao passo que outras se vão (a fala, os gestos); vemo-nos então às voltas com uma verdadeira polifonia informacional, e isto é a teatralidade: *uma densidade de signos*. (BARTHES, 1964, p. 258).

Experimento uma teatralidade nessas diversidades midiáticas buscando criar um mínimo de sentido para apresentar ao outro. A interação dos trabalhos em rede movimentam um conteúdo de representação do mundo, transmitindo uma compreensão da pesquisa por meio de diálogos que seguem os sentidos de sua explicação. Procuo analisar essas observações no palavra-corpo que é constituído de fragmentos por meio desses trabalhos que vão sendo cartografados, indicando caminhos a partir dos registros visualizados. Nessa interação procuro perceber as inter-relações que os registros podem causar, descobrindo o objetivo da rede que sempre está ligada a construção de algo. Alimento essa ideia para expandir os processos artísticos nesse imenso processo de criação em rede espalhado na web. Assim vou mapeando os trabalhos em cima de um raciocínio que deixe claro a localização que o conteúdo pode seguir.

Palavra-corpo: o hipertexto de um artista

O que está registrado no livro de artista é apenas uma criação poética dos processos artísticos que participo, são registros que silenciam um acontecimento em rede criando uma imagem dessa memória que surge no processo de criação. Recriando em outro lugar a presença de vida que se expande nesse espaço, se expressando em diferentes linguagens que pode chegar a modificar casos em futuras temporadas de espetáculos. Utilizo esses meios midiáticos como forma de experimento artístico, questionando meu trabalho nesses meios. Nos encontramos em rede, a linguagem virtual faz

parte de nossas vivências representando a nossa imagem que se configura em textos; estabelecendo ligação com o todo onde cada ser organiza um fenômeno decodificado para representar algo.

Diante dessa elaboração, podemos escrever a leitura que surge da nossa experiência, contextualizar os enigmas do espaço vivenciado, nos manter presentes no vago/opaco dos meios que estabelece contato com o mundo e produzir uma contextualização de nossas interpretações, como ressalta a pesquisadora e doutora em comunicação Beatriz Martins em seu livro *Autoria em Rede*, descrevendo que:

Uma série de elementos foi criada para orientar a leitura e permitir o acesso de forma não linear, com dispositivos como índices, sumário, notas, referências, etc. que permitem uma navegação pelo texto. (MARTINS, 2014, p. 69).

A partir disso, o pesquisador passa a desenvolver seu trabalho de forma livre, hipertextualizando a ideia de sua criação e se apropriando de todas as possibilidades digitais possíveis que possa ampliar o sentido da sua produção que se manifesta em um contexto, encontrando meios para outros diálogos que vêm a surgir em sua pesquisa, onde flui um discurso a qual irá justificar cada parte da sua obra:

Esses dispositivos foram remodelados no ambiente eletrônico em outros indicadores como menus, links e mecanismos de busca por palavras-chaves, permitindo uma leitura também fragmentada e intertextual, mas muito mais veloz e interconectada. (MARTINS, 2014, p. 69)

A palavra expressada através do som constitui um movimento de vibração tanto orgânica quanto eletrônica. A palavra cresce e ganha potência atingindo a liberdade em várias formas de se comunicar, seja por meio da leitura ou da conversa. A palavra se potencializa por meio da leitura que remete inúmeros entendimentos que podem convergir ou não com o pensamento de quem absorve a leitura. O pensamento é extenso e a imaginação infinita, mas o verbalizar de todo esse conteúdo se dissolve em palavras fragmentadas para expressar o que imaginamos. O conteúdo que alimenta o *palavra-corpo* é constituído desses fragmentos que se desenvolvem e se dissolvem durante os processos de criação artística a qual estou inserido. Nem tudo é capitado, mas o processo se expande até constituir um entendimento para se trabalhar e

apresentar algo. Tomemos como exemplo a citação do filósofo Michel Foucault onde “é preciso pronunciar palavras enquanto as há, é preciso dizê-las até que elas me encontrem, até que me digam” (FOUCAULT, 2014, p. 6), para que eu perceba que mesmo nesse espaço vago há um preenchimento de pensamento que me remeta algo para ser dito enquanto ainda há existência.

Com isso, o desenvolvimento da pesquisa do *palavra-corpo* é constituído de registros fragmentados de um pensamento que se reconstrói na postagem e esta mesma a partir de várias leituras. O hipertexto que se apresenta nessa pesquisa pode levar o entendimento para onde se quer chegar até partir para outro pensamento através dos trabalhos, da criação, da palavra contínua e do pensamento diverso diante de uma organização apresentada em postagens. O professor e pesquisador em comunicação Pierre Lévy fala sobre a produção de pensamento diante da leitura de um texto e de uma criação de texto por meio da leitura que estrutura um conteúdo a ser informado. Nesse sentido, refletimos sobre o andamento crescente e linear do hipertexto na escrita cartografada nas postagens que se mostram numa corporação de um texto ao outro, numa via que se desenvolve em fragmentos pensativos na web; no âmbito virtual ligada a uma rede de criação que reproduz o pensamento em textos e figuras para outra interpretação:

(...) Ao remontar essa encosta da atualização, a passagem ao hipertexto é uma virtualização. Não para retornar ao pensamento do autor, mas para fazer do texto atual uma das figuras possível de um campo textual disponível, móvel, reconfigurável à vontade, e até para conectá-lo e fazê-lo entrar em composição com outros *corpushipertextuais* e diversos instrumentos de auxílio à interpretação. Com isso, a hipertextualização multiplica as ocasiões de produção de sentido e permite enriquecer consideravelmente a leitura (LÉVY, 1996, p. 43).

Um link é criado e disponibilizado em rede conectada ao mundo, apresentando uma leitura que propaga interpretações em meios entrelaçados nessa rede hipertextual. A linguagem virtual se refere para nós como uma interpretação desse mundo de forma distribuída em linhas digitais, modificando o entendimento dos sentidos em leituras simultâneas que se dispersam pelo espaço. Buscamos um revés que modifica os estreitos caminhos oblíquos da rotina; é preciso invadir o interno e aglutinar os pedaços ao redor. O hipertexto

crece, expande, movimenta todos os lados simultaneamente, agrega o que está fora para dentro circulando um infinito de ações conectadas a um labirinto que avança para outras possibilidades. A ordem é entrelaçada a outras ordens e a interatividade amplia a percepção através de traços ligada ao conjunto que se dissemina em pensamentos, evoluindo um raciocínio sobre várias intenções. Cada interatividade compõe um caminho, tornando-se maior, contextualizando e descontextualizando o movimento invisível da leitura. Tudo está conectado e o externo é um meio para se chegar ao interno; o contínuo se abre criando uma rede evolutiva dos pensamentos.

A ordem é entrelaçada a outras ordens e a interatividade amplia a percepção através de traços ligados ao conjunto que se disseminam em pensamentos, evoluindo um raciocínio sobre várias intenções. Nessa interação digital, o hipertexto descobre um fluxo em cada ponto que se torna um meio: a rede visível das nossas interpretações. O que há no caminho são registros textuais de nossas leituras de mundo³ prestes a começar outro percurso. O texto passa, o registro vira carcaça e os conteúdos adquiridos das interpretações se tornam ligações a outro contexto, que se evapora pelos pensamentos de outro texto. O que tornamos evidentes são as ideias que distinguimos no percurso da leitura que nos coloca no mundo, a rápida percepção sentida do ser.

O *palavra-corpo* dá origem a um caderno de artista múltiplo e descentralizado que registra pequenos conteúdos captados no processo artístico do corpo que expulsa sensações em processos de diferentes experimentações, movendo o trabalho para um plano com estruturas digitais que avança em palavras relacionadas ao contexto hipertextual que busco construir. O caderno de artista é um corpo que aglutina pensamentos em palavras, uma parte do artista em linhas virtuais, uma obra do momento que se passou registrada em memória digital. É uma imagem do pensamento compartilhada que constrói uma rede por meio de textos ligados ao imaginário, buscando representar uma obra artística visualmente por meio de textos e

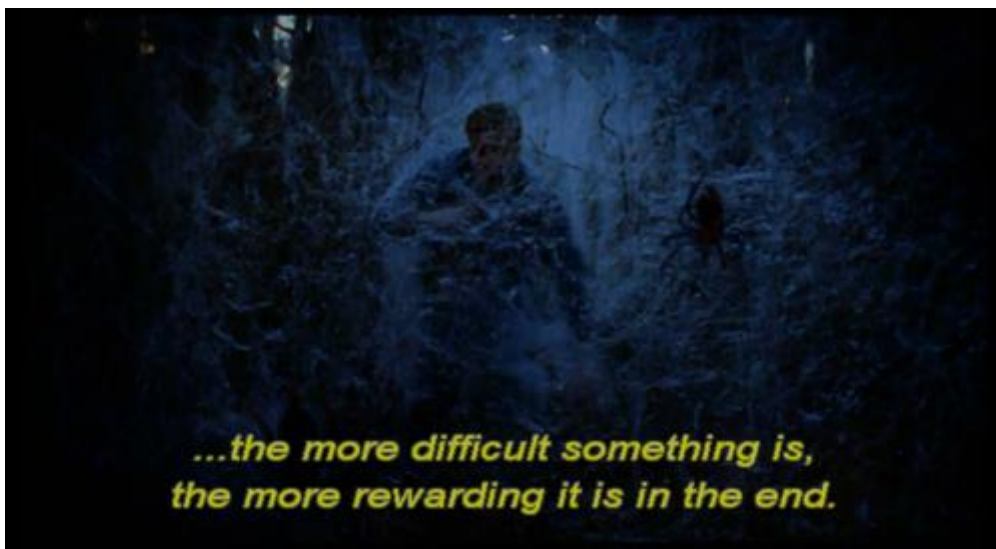
³Nesse sentido, não há como não se reportar à célebre colocação de Paulo Freire. A leitura de mundo precede a leitura da palavra, proposta em sua obra *A importância do ato de ler* em três artigos que se completam. São Paulo: Cortez: 1989.

sons. Me encontro em anonimidade entrelaçado num conjunto que descentraliza meu discurso artístico como único e contribui num coletivo em rede, se dispersando em múltiplas conexões que acaba se auto organizando nessa imensidão virtual. Através desse caderno deixo o que ficou do trabalho, as sobras fragmentadas para compor uma memória dos processos que se passaram ligando a outro discurso que propaga nesse meio digital.

É nesse campo hipermidiático que apresento duas leituras como referências que compartilham com a ideia que estou descrevendo nesta pesquisa. A primeira é a leitura da artista e professora Lucia Leão que traz no livro *O labirinto da hipermídia: arquitetura e navegação no ciberespaço* (2005), um pensamento através da imagem de um labirinto que explica a multidimensionalidade desse espaço virtual a qual criamos:

(...) um sem-número de textos, imagens e sons, em diversas formatações e dinâmicas, interligados em caminhos potenciais que dependem da interação com aquele que lê, ouve ou vê, para constituir ou completar o seu sentido. O labirinto existe como potência e também como experiência, naquele percurso desordenado e virtualmente infinito, escolhido e definido a cada bifurcação. (LEÃO, 2005, p.62)

A segunda referência é a cena do labirinto no filme *Peixe Grande e Suas Histórias Maravilhosas* de Tim Burton, onde o personagem Willian desmitifica o misterioso labirinto de teias de aranha para encontrar a saída, remetendo a imagem da rede virtual entrelaçada em conexões onde a saída parece infinita no mundo da internet:



(“Quanto mais difícil algo é, mais recompensador é no final”. *Peixe Grande e Suas Histórias Maravilhosas*, 2004. Direção: Tim Burton)

Nessa interação virtual, trago a palavra *Hipertextualizar* que norteará a pesquisa para poder evidenciar fatos e encontrar, no silêncio, os pedaços que constituíram o texto que desvendará os enigmas da leitura que surgem em nossos pensamentos para a construção da obra. Refletindo sobre isso, a dissertação desenvolverá uma análise através da escrita virtual que leva sua mensagem a se torna outro corpo que reconheceremos como *hipercorpo*, onde Pierre Levy observa essa interação do corpo com outras extensões como a máquina e as coisas ao nosso redor, buscando explorar os campos de conhecimento sobre o olhar performático do corpo virtual que estão em rede para sua reprodução. O contato permite mudar, acrescentar outra ideia, ampliar a percepção diante da obra, falar do trabalho, mas só que de diferentes formas. Nessa construção a interpretação cresce e ganha sentido; quanto mais se repete o caminho, mais o processo registrado atinge o grau máximo ultrapassando o reconhecimento da obra para outra esfera de reconhecimento.

Cada corpo individual torna-se parte integrante de um imenso hipercorpo híbrido e mundializado. Fazendo eco ao hipercórtex que expande hoje seus axônios pelas redes digitais do planeta, o hipercorpo da humanidade estende seus tecidos quiméricos entre as epidermes, entre as espécies, para além das fronteiras e dos oceanos, de uma margem a outra do rio da vida. (LÉVY, 1996, p. 31)

Vale ressaltar que o palavra-corpo é o que transmite a ideia do trabalho de criação, mas, enquanto máquina, é o corpo físico que vivencia o processo e transcreve as informações para o campo virtual. Ao conectar, o registro se torna um hipercorpo dessa vivência, que transmitirá parte do processo

misturada na rede com outras produções. Assim, a pesquisa se transforma, tendo um retorno a partir das interferências do que o registro conter.

A partir da transição que a pesquisa se mostra no processo dessa dissertação, procurarei analisar a escrita de dois trabalhos que realizei como ator e performer que são: “Reator Eterno” e “I(mundo) Ubu”, onde poderei observar o sentido e entender o movimento híbrido que esses espetáculos contém em relação ao dialogo multidirecional que a web possibilita. Descobrirão a compreensão do trabalho no campo digital que pode transformar o trabalho a partir do que ele já tem e contribuir no processo de criação em outras apresentações. Com isso, o trabalho cresce formulando uma linguagem do que a obra pode dizer dialogando com outro espaço que haja uma identificação.



Projeto Reator Eterno – Estúdio Reator, 2016.



Espectáculo: I(MUNDO) UBU – Imundas de Teatro, 2017.

Nessa fricção, é importante observar não somente o movimento na plataforma blog, mas também considerar o movimento nas diversas redes sociais em que o trabalho estiver presente: facebook, instagram, twitter, youtube, compartilhando com os indivíduos que constroem um hipercorpo dessa contemporaneidade gerada por meio de mensagens, códigos e informações que desloca o conteúdo e se recompõem em outra informação produzida em rede. É nessa fluidez que analiso os enigmas encontrados para compor o objetivo da pesquisa, servindo-se da amplitude hipermediática que atravessa a minha produção de conhecimento artístico.

O olhar performático do corpo virtual

O corpo é ausente, figura imaginativa e física. Energia que se move perante o espaço, dilatação de vontades, união do pensar, sentir e querer; sentimentos que ecoam no mundo externo. É dançar, atuar, é presença, autoconhecimento. É a linha embolada na palma da mão. Corpo é arte, é vida, é tudo o que podemos a partir do que sentimos. É mental e físico, são inúmeras possibilidades que podemos descobrir. Estamos ligados a tudo que está a nossa volta, provocando e modificando as coisas dos lugares e

ampliando o pensamento, construindo um mundo de sentidos para o conhecimento da humanidade. O filósofo e poeta Gaston Bachelard, descreve em sua obra *A formação do espírito científico*, um pensamento sobre a irradiação do ser com a criação do mundo, nos colocando na posição de espectador do nosso próprio desenvolvimento: “E, para mostrar que a origem do fenômeno provocada é humana, é o nome do pesquisador que fica ligado – sem dúvida pela eternidade afora – ao efeito que ele construiu” (BACHELARD, 1996, p. 38).

O pensamento humano articula o movimento do mundo, possibilita devires dessa existência, desvenda casos da nossa ligação com o natural. Racionalizamos fatos, experimentamos possibilidades de entendimento da razão e procuramos resolver os questionamentos da vida. Criamos coisas para o nosso benefício, criamos nossas representações, nossa imagem, inventamos possibilidades de vida, desenvolvemos nossa adaptação com o mundo de diferentes formas, o indivíduo está sempre presente nesse espaço que se constrói.

Sem o equacionamento racional da experiência determinado pela formulação de um problema, sem o constante recuso a uma construção racional bem explícita, pode acabar surgindo uma espécie de *inconsciente do espírito científico* que, mais tarde, vai exigir uma lenta e difícil psicanálise para ser exorcizado. Como observa Edouard Le Roy⁴ em bela densa fórmula: “O conhecimento comum é inconsciência de si”. Mas essa inconsciência pode atingir também pensamentos científicos. É preciso então reavivar a crítica e pôr o conhecimento em contato com as condições que lhe deram origem, voltar continuamente a esse “estado nascente” que é o estado de vigor psíquico, ao mesmo tempo que a resposta saiu do problema. Para que, de fato, se possa falar de *racionalização da experiência*, não basta que se encontre *uma razão para um fato*. A razão é uma atividade psicológica essencialmente politrópica: procura revirar os problemas, variá-los, ligar uns aos outros, fazê-los proliferar. Para ser racionalizada, a experiência precisa ser inserida num jogo de *razões múltiplas*. (BACHELARD, 1996, p. 51)

Consequentemente, o objetivo dessa dissertação compartilha com o pensamento de Bachelard ao caminhar nesse percurso desvendando por entre análises o sentido da pesquisa encontrada nos enigmas do livro de artista que apresentam essa transição, do ser racional para a tecnologia, do corpo carne e osso para a máquina virtual. A matéria física (corpo humano) envelhece e dá passagem para os rastros que ficaram nesse futuro que construímos no

⁴Edouard LE ROY. Science et Philosophie in *Revue de Métaphysique et Morale*, 1899, p. 505.

presente. Nossa criação ocupa pequenos espaços importantes nessa transição que é a vida, se atualizando a cada instante e virtualizando uma memória cheia de vivências. Existem muitas informações no mundo a qual atravessamos e somos atravessado num contexto enorme das palavras. O conhecimento se desdobra a cada segundo, seguindo o tempo-espaço das questões que direcionamos em busca de um sentido lógico e muito mais além dessa obviedade toda a qual estamos fadados a experimentar vivendo nessa matéria física.

Criamos e desenvolvemos maneiras, nos comunicamos por gesto e entendemos o mundo a partir de nossas descobertas referentes ao corpo e a imaginação que constituem o mundo que percebemos. Com isso, a relação entre os indivíduos direcionam o desenvolvimento do mundo, como aborda a professora e pesquisadora Kênia Kemp em seu livro *Corpo modificado, corpo livre?*, sobre a ideia de que “nosso corpo não é apenas aparato para que nossa mente funcione e nos permita uma experiência qualquer do mundo, mas é também ele parte e expressão de nossa condição humana” (KEMP, 2005, p. 27). Seria esse corpo coletivo que nos proporciona trocas, saberes, experimentos, sentimentos, criações a partir do compartilhamento de possibilidades que surge do corpo e se expande nas sensações da relação com o mundo, na energia solta no espaço, na ligação de pensamento dessa construção de conhecimento:

O corpo determina nossa experiência social e de mundo, e também é por ela determinado. Somos seres gregários dependentes da participação em uma coletividade. Para viver em coletividade, precisamos ver nisso tudo um sentido, precisamos atribuir a tudo algum significado. Esses significados são comunicados por meio de símbolos. É pelos símbolos que nos relacionamos com esse sentido que está em nossa mente, e que viabilizam as relações entre indivíduo e sociedade. (KEMP, 2005, p. 27)

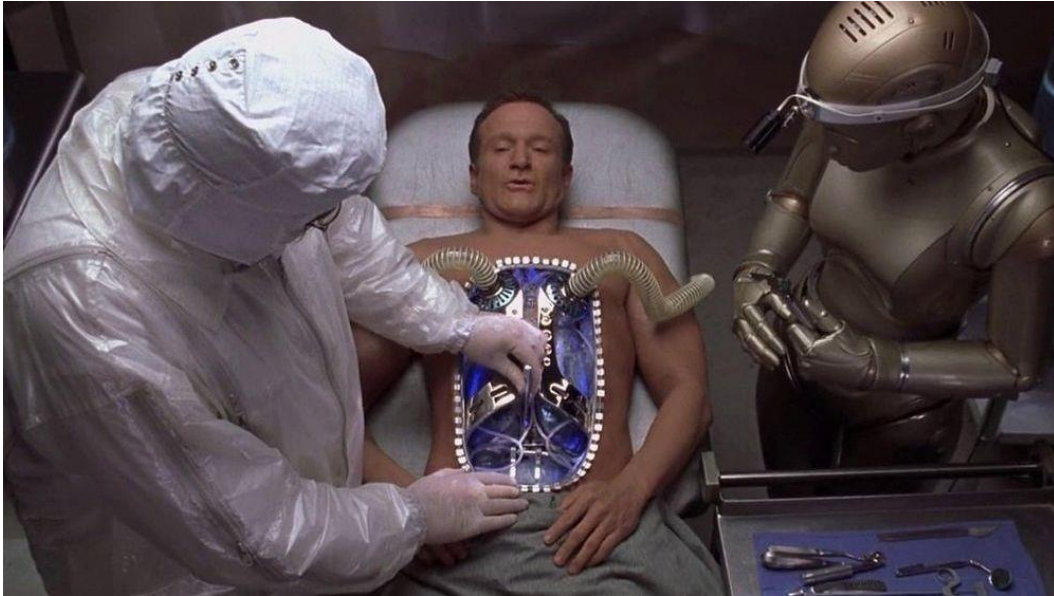
A interação digital que busco desenvolver em meus trabalhos aperfeiçoa o espaço físico ao colocá-lo em prática, mantendo presente um pensamento para a construção do trabalho junto com outros atores. O movimento direciona cada caminho que o corpo pode atingir, capta o que o olhar registra sem perceber, condiciona outras definições para um conteúdo e se registra em algo. O olhar, através do processo virtual, ultrapassa o entendimento do mesmo, detecta códigos que se assemelham com a percepção do mundo real. Através

desse pensamento, o corpo atinge a dimensionalidade que propaga na rede virtual, criando as invisibilidades presente em nossas vidas. Nosso tempo se alarga, cria um léxico infinito de nossos entendimentos, das línguas variantes que compreendem o fluxo da rede. A comunicação humana se torna veloz, percebendo nossos interesses e objetivos aos quais estamos seguindo; assemelha-se a máquina que constrói uma reprodução do corpo vivo. O entendimento performático ultrapassa o estado do aqui e agora, agimos como vários seres nesse tempo infinito que o corpo virtual permite. Nesse sentido somos máquinas, sensações intensificadas na rede digital programada por nós, um ser humano androide semelhante ao corpo natural criado pela mente.

É nesse espaço de criação do corpo-virtual que menciono o filme *O homem bicentenário* de 1999, dirigida por Chris Columbus e estrelado por Robin Williams, para interagir com o fluxo do pensamento dessa pesquisa, mostrando duas cenas que apresentam o robô *Andrews* se transformando em um ser humano:



Cena 1: Andrews em sua apresentação humana refletida no espelho e ao centro sua representação robótica como um corpo morto, a carcaça de uma máquina.



Cena 2: Cirurgia de conexão dos organismos artificiais do robô semelhante a um sistema vivo. Reprodução tecnológica dos órgãos reais do corpo humano.

O corpo humano é uma matéria orgânica que ao ser analisada nesse campo digital multiplica os sentidos humanos alterando a nossa percepção diante da realidade. Os dispositivos físicos são máquinas virtuais que registram a nossa vivência, estabelecendo maior disponibilidade de nosso ser diante desse corpo-máquina que a tecnologia digital possibilita. A rede é a memória de todo acontecimento, cria percepções da invisibilidade existente no plano real, decodificando os enigmas existentes na vida, nesse mundo mecânico que precisa ser explicado a todo instante. Os organismos reais se tornam ferramentas digitais que navegam no movimento híbrido dessa dimensão eletrônica.

Estamos localizados na realidade, na percepção concreta das ideais humanas que definem os nós, os “eus” nas identificações recíprocas dos relacionamentos humanos. Já na virtualidade, a nossa localização é expandida, nos proporciona novos modos de ver e lidar com o corpo que se transfigura nessas interações tecnológicas; sofremos alterações corpóreas transmitidas pela digitalização do mundo. Somos matéria física e abstrata, a imaginação em pessoa que concretiza as necessidades orgânicas desse ser, permitindo uma mudança variável de nossas sensações.

A representação corporal pela tecnologia alcança diversas identificações que se comunicam numa flexibilidade de compreensão do inexistente, do vago que explica a energia que intensifica a vida. A transmissão do imaginário é visível, estende nosso corpo a outras modificações como a *Bodyart* (arte do corpo) que se manifesta nas artes visuais nas quais até o corpo do próprio artista pode ser utilizado como suporte ou meio de expressão presente na criação de sua obra de arte. Atingimos o estado em que o sujeito se torna mera informação para possíveis experimentos. Diante dessa dimensão o corpo se contamina nas e pelas informações desse mundo virtual, criando vários conceitos do corpo misturados a várias interpretações do homem com a máquina. Com essas inúmeras identificações presentes na contemporaneidade, o corpo deixa de interagir naturalmente e passa a convergir em dados por meios de *softwares*, superando em partes a existência humana já que este é quem faz tudo funcionar por meio da mente e do corpo. Compreendendo o mundo e construindo o conhecimento.

Até onde se sabe, a máquina copia as sensações do corpo. Não atingindo por completo a perfeição de seus movimentos que segue as coordenações da mente, agindo antes da reflexão em alguns casos que a realidade vivenciada mostra diante de nós. Na virtualidade o corpo produz inúmeras estimulações por segundos que interagem com o ambiente real, tornando o mundo digital semelhante ao mundo real e, tão fácil de viver, que, às vezes, nem nos damos conta quando estamos online. Há uma variação de sistemas combinados que identificam a realidade, representando o corpo humano nesses sistemas eletrônicos que parecem existir realmente.

Estamos aqui, mas só que longe, disponíveis na rede digital. Transformados em seres eletrônicos que constituem uma rede de pensamentos para nossa existência. Tornando-nos pós-orgânicos de nossa própria identidade, conectados a equipamentos tecnológicos existente no século XXI. Nessa dualidade escolhemos viver nos dois campos que a capacidade de raciocínio permite, estabelecemos contatos, criamos realidades, aperfeiçoamos a nossa evolução. A mente humana imita o seu próprio consciente através de dígitos. O cérebro eletrônico detecta novos recursos em

menos tempo que nosso cérebro por meio de *bytes* que constituem sua memória.

Observar o movimento desse corpo virtual é criar raízes de conexões infinitas para as realidades experimentadas nos meus trabalhos artísticos, apresentando casos que irão desvendar enigmas crescentes nessa mutação digital que a tecnologia desenvolve a cada instante. O conteúdo se hipertextualiza em fragmentados por uma rede operacional que controla o movimento híbrido das informações, agindo simultaneamente por meios de sentidos que expressam o pensamento humano através da inteligência artificial. Ao repetir essas sensações reais, a máquina adquire o comportamento aperfeiçoado de quem a transcreve, decifrando os códigos digitais dos sentidos humano que deixam de ser corpo vivo e passam a ser um corpo virtual fragmentado em diversos dispositivos midiáticos. Daí a ideia do olhar performático do corpo virtual que muda o sentido de nós seres humanos, nessa rede que representa nossos condicionamentos físicos em alta performance cheia de informações codificadas inscritas num suporte biológico eletrônico. Quanto mais possível for a variação de linguagens, maior será a capacidade de simular e imaginar.

O caderno virtual mutualizado em fragmentos

[...] não há lembrança sem imaginação. Toda lembrança é, em parte, imaginária, mas não pode haver imaginação sem lembrança. A imaginação está vinculada à memória e esta é o trampolim da imaginação.

Cecília Salles

Nessa citação, procuro desenvolver o movimento híbrido das criações em rede que tornaram a obra em constante processo de criação, contendo intensas interações por entre enigmas que se tornam presentes na visualização em que a obra se apresenta. São postagens que se modificam a cada leitura, podendo ser editada a cada instante atualizando as ideias não vista durante os registros e apresentações dos trabalhos. A virtualização dessas ideias se expandem, se tornam atraentes nesse meio interativo em que todos definem a compreensão do conhecimento que pode em alguns casos mudar o sentido real desse próprio conhecimento. O processo artístico no meio virtual alcança vários sentidos que diversifica a interpretação de quem assiste, estendendo o processo e tornando-o inacabado.

O processo artístico apresentado por meio dos espetáculos catografados no palavra-corpo, apresenta uma construção colaborativa do andamento da pesquisa experimentada durante os ensaios, do trabalho que surgiu durante os ensaios de uma construção coletiva e do experimento cênico-performático. A obra constituída do compartilhamento dos indivíduos envolvidos é o resultado de várias experimentações de propostas compartilhadas durante o processo. Definindo e possibilitando outra construção da obra que possa vir a surgir e alcançar o sentido do inacabado, como ressalta a professora em lingüística Cecília Salles no livro *Redes da Criação*, sobre o inacabado que condiz com a continuação da obra em outros processos ou modificar a interpretação para outro olhar que a obra puder possibilitar:

[...] A relação entre o que se tem e o que se quer reverte-se em contínuos gestos aproximativos - adequações que buscam a sempre inatingível completude. O artista lida com sua obra em estado de contínuo inacabamento, o que é experienciado como insatisfação. No entanto, a incompletude traz consigo também valor dinâmico, na medida em que gera busca que se materializa nesse processo aproximativo, na construção de uma obra específica e na criação de outras obras, mais outras e mais outras. O objeto dito acabado pertence, portanto, a um processo inacabado. Não se trata de uma desvalorização da obra entregue ao público, mas da dessacralização dessa como final e única forma possível. (SALLES, 2008, p. 14)

Dessa forma, busco acreditar sempre num processo contínuo dos meus trabalhos, virtualizando o material para observar outros movimentos em rede. Alcançar outro olhar que mostre o não visto e perceber o que se cria, seja nos algoritmos ou no hipertexto das imagens para poder se experimentar em futuras temporadas. O que se apresenta é parte do processo inacabado que se expande para outra compreensão que pode aparecer em outro processo criativo. O trabalho está compartilhado em rede e o que se observa gera conteúdo para outras ideias que podem estar ou não está no diálogo.

No decorrer desse capítulo, apresento de forma fragmentada, parte dos espetáculos *Reator Eterno* e *I(mundo) Ubu*, para mostra o desenvolvimento do processo artístico no ato de sua criação. Colocando a leitura dessa dissertação através dos registros midiáticos, capturando o que identifico no corpo e expressando outra percepção do que acabo de fazer. As imagens e os sons intensificam o que acontece, informando uma ideia além das palavras e criando esse registro que o palavra-corpo fala.

É OBRIGATÓRIO “AGORA”, QUE PARA QUE SE CONTINUE A LEITURA DESSA DISSERTAÇÃO, É PRECISO ACESSA O SITE: *palavra-corpo*, ATRAVÉS DO LINK: <https://palavra-corpo.blogspot.com/2019/06/projeto-reator-eterno-estudio-reator.html>

NO FINAL DE CADA POSTAGEM, CLIKE EM **CONTINUAR LEITURA>>** PARA IR ADIANTE. NÃO SE PERCA.

(Boa viagem, OPS!

Uma ótima leitura)

Projeto Reator Eterno – Estúdio Reator

A culminância entre várias linguagens artística desbrava sentidos e mostra um novo olhar da cidade de Belém através de um passeio por lembranças contadas pelas ruas numa projeção de imagens. Essa é a proposta realizada pelo projeto Reator Eterno do Estúdio Reator que pede licença para a rua a partir do dia 28 de setembro, às 19h.

O projeto Reator Eterno, contemplado pelo programa Rumos do Itaú Cultural, procura contar parte das histórias dos Bairros de Fátima e São Brás em uma performance que mistura vídeo, música, teatro, fotografia, sobre parte desse local esquecido, e agora revivido por lembranças contadas entre moradores antigos e novos pertencente aos bairros que escondem um segundo centro de Belém. Buscando contar a partir de uma linguagem artística híbrida a memória descoberta por entre quintais e canais esquecidos dos bairros que seguem os dias da cidade.

Nessa busca, o olhar cotidiano entre o urbano e periférico se permeia numa cartografia sinestésica e afetiva por vários trajetos que passam por casas e prédios mostrando um fluxo da passagem de existência revertido em poesia. O trabalho teve seu indutor nas fotografias e histórias de vida da família Lima de Queiroz e seus mais de 100 anos vivendo no número 1053 da travessa 14 de abril. Os artistas participantes do projeto começaram construindo um mapeamento dos bairros a partir das histórias vizinhas e criando uma “cartografia poética sinestésica.” Nessa cartografia, o roteiro dos passeios pelas ruas foram construídos, e agora pedem licença e convidam o público a entrar numa performance que se acolhe em dois bairros disfarçados de detalhes que complementam cada travessa, mudam o ambiente e fazem as casas irem esquecendo/lembrando a composição do lugar junto aos quintais invisíveis que existe atrás de cada uma.

No passeio, os performers buscam descobrir o sentido pertencente a esse chão de terra batida de asfalto, que se configura por imagens que projetam um movimento inverso do tempo, interferindo no comportamento da cidade que modifica o cotidiano num passeio de lembranças permeadas por imagens do século passado que influenciam na cultura presente. Nesse movimento de linguagens a transformação visual carregada de lembranças, apresenta a cidade composta em dois tempos que se modificam durante a apresentação.

Os movimentos entram numa sintonia entre vídeo e sons frenéticos que colocam o público diante de uma imagem reproduzida em luzes conectadas num jogo com o movimento da rua, o som do trânsito, a fumaça espalhada no ar e os pedestres que alteram a percepção da realidade.

Instalação no Estúdio Reator

Diante das lembranças e da pesquisa pelos bairros, o público também poderá conferir as histórias e o trabalho através da “Instalação das Lembranças” que ficará em exposição durante o período das apresentações no espaço do Estúdio Reator das 14h às 19h. A memória da instalação foi construída a partir de histórias da família Lima de Queiroz que procura mostrar um pouco da mudança da travessa 14 de abril entre imagens, vídeos e sons que reproduzem o movimento urbano, contado também por moradores e trabalhadores locais, que observam todo o fluxo entre seus afazeres, diante da transformação dos bairros, entrando numa convergência de luz e imagens que modificam o antigo, e ressalta o novo e a visão contemporânea de Belém.

A instalação também traz trabalhos realizados pelo Estúdio Reator que há 6 anos experimenta e desenvolve hibridismos nas linguagens audiovisual, teatro, dança, música, fotografia e vídeo envolvendo tudo com a performance, que mostram novas possibilidades de um fazer artístico, levando o público a conhecer e perceber na memória desse espaço, a vida imitando a arte.

Exercício de leitura da cidade como dramaturgia⁵

Belém se acolhe numa mudança de tempo que se desconstrói na passagem da nuvem escura da tarde. É uma extensão de histórias e lembranças que se esconde nos espaços esquecidos pela memória, nos objetos deixados na rua que compõem a cena cotidiana, na modificação da calçada que se parte do dia para a noite.



Entre várias ruas que desenham Belém, recortamos uma pequena parte onde sustentamos nossos pés bem antes do fluxo da Av. Gov. José Malcher existir. Bairros de São Brás e Fátima, dois lugares que se misturaram na enorme modificação da capital da cidade. Aqui as passagens são uma desordem que divide entre três linhas parte da Três de maio, nela há um rio bem no fundo que passa por debaixo das casas onde escorrem as lembranças. Logo ao lado o quarteirão da Travessa 14 de Abril entre José Malcher e Magalhães Barata divide o chão extenso entre a periferia e o urbano.

⁵ Texto escrito sobre o olhar dos bairros de Fátima e São Brás em Belém/PA para o projeto Reator Eterno do espaço Estúdio Reator, as fotos são de Dudu Lobato



Aqui o barulho da cidade atinge a superfície de um quintal passado que deu lugar a um grande estacionamento encoberto por folhas de Taperebá. Não se houve o som do local, há um embrulhamento de caos após o asfalto permanecer nas beiras das casas. Antes do tempo em que prédios duvidosos e a falta de saneamento geravam os bairros, um valão levava os contornos das lembranças esquecidas como o limo preto até o rio, e que ainda hoje permanece agarrado ao canal da passagem Antônio Nunes.

Aqui o barulho da cidade atinge a superfície de um quintal passado que deu lugar a um grande estacionamento encoberto por folhas de Taperebá. Não se houve o som do local, há um embrulhamento de caos após o asfalto permanecer nas beiras das casas. Antes do tempo em que prédios duvidosos e a falta de saneamento geravam os bairros, um valão levava os contornos das lembranças esquecidas como o limo preto até o rio, e que ainda hoje permanece agarrado ao canal da passagem Antônio

Nunes.



Nesse deslizar de décadas, os bairros se estruturavam com as vidas moldadas pelo sistema caótico do avanço urbano que empurrava o progresso da cidade em novas paisagens que sustentam Belém até hoje. Aqui o tempo joga com o a estagnação da cidade, as lembranças dos mais antigos desmaterializa o contemporâneo das avenidas que se alimentam dos pedestres e do trânsito cotidiano.



Ainda dá pra sentir a calma no fim da tarde em vários pontos misturados ao silêncio sonoro dos pássaros, onde a movimentação do espaço se agarra ao tempo da cidade. São pontos marcados por uma cruz, que diz muito sobre as assombrações de mulheres-animais que acordam o pensamento dos mais antigos à meia noite.



Tá tudo registrado como um pensamento morto que se esconde no canto da vila, no observar da cruz que diz sobre os pioneiros que ocupavam as primeiras partes da Matinha. Nessa extensão de memória a poeira baixou e o que se vê nesse embrulhamento é uma plataforma de histórias que desregularizam as ruas junto ao fluxo dos carros que tomaram o lugar do antigo chão de terra. Foi na Domingos com a 03 de maio que o susto marcou a cena atual interpretada por indivíduos da mata. Nas passagens das ruas as placas de “chopp” indicam um alívio ao calor belenense; nesse registro somente o céu assiste tudo mudar.



Olhar passageiro do centro

A gente vai se aproximando do centro da cidade e sentido a mudança de todo o espaço na retina de um olhar distante em que o reflexo da mudança nos deixa em níveis baixos e altos nesse chão extenso. Parece o efeito da vida, mas só que jogado nos muros, nas árvores das calçadas que pulam em barreiras de concretos, nos fios elétricos embolados, nos postes riscados e nos detalhes em grão que dividem as casas. Tudo se separa em um ordenamento simultâneo das cores, nas lajotas que desenham um som de silêncio e na memória dos portões e grades que se misturam ao tempo que nem a rua batidade asfalto e a areia suspensa nesse ar.



Aqui vemos uma constelação de chão que nos encobre ao caminhar próximo da calçada maior que o muro; vamos olhando pra cima dela onde o alto do bode permanece ao comportamento da cidade e no mesmo lugar frequentado pela movimentação dispersa desse território que se sustenta no passar dos dias. Por entre as ruas e coresdas casas, por entreas informaçõesque atingem os pensamentos e sentimentos carregados pelos moradores, o novo e o velho vão se decompondo e crescendo numa raiz histórica de São Brás. Aqui a árvore erguida em ferro europeu abastece a condição física desse lugar tal qual um rio de uma região; ela se eterniza nesse lugar de terra vivido por toda Belém atingido o envelhecimento prolongado do tempo.



A vida aqui se encobre no escurecer do dia, no calor por debaixo das mangueiras, no mudar da rotina de cada hora. O silencio dessa mudança se evapora nos olhares despercebidos das pessoas e das condições de trabalho de todos os figurantes dessa cena real. A organização do espaço-tempo desconstrói a realidade, busca sonhos, se move no avanço ausente da cidade, realiza projeções de um novo centro adepto a capital. Entre fronteiras periféricas e urbanas essa parte enobrece o rendimento vizinho e desenha o observar da cidade numa composição de prédios e casas que perdem a harmonia em lembranças de outros lugares do mundo.



Aqui a estrutura dos bairros se divide por ruas e conexões de vidas guardadas no casulo familiar que vivenciamos nesse estado de agora que corre junto às voltas do planeta. O tempo vai deixando nos lugares o resto das lembranças que as pessoas perdem por necessidades de viverem, e em meio às transformações alguns ainda sustentam os sentimentos que se atribuem ao comportamento simultâneo do cotidiano. Os espaços vagos acolhem os matos pelos cantos das paredes e o comercio das calçadas empurra o sabor em sombras guardadas pelo calor.



Os dias escondem um segundo centro de um lugar do norte que se propaga por dimensões de chão plano, abriga o moderno em meio à floresta de pedras e árvores que misturam o comportamento de São Brás e Fátima na ação passageira de Belém. Nessa cartografia, a cidade se acolhe em dois bairros disfarçados de detalhes que complementam cada rua, muda o ambiente e fazem as casas irem esquecendo a composição do lugar junto aos quintais invisíveis que existe atrás de cada uma. Nessa paisagem vivenciamos o comportamento absurdo suspenso pelo tempo, pela memória e o esquecimento causado pelo fluxo que se fecha na noite entre os bairros.



Ficha Técnica

Direção e coordenação geral
Nando Lima

Performers
Pedro Olaia - Dudu Lobato
Wan Aleixo - Bernard Freire
Nando Lima - Vandiléia Foro

Entrevistas
Pedro Olaia

Câmera e fotos
Dudu Lobato

Trilha sonora
Armando de Mendonça

Roteiro da performance
Nando Lima - Pedro Olaia

Designer gráfico
Wan Aleixo

Textos site/blog/imprensa
Bernard Freire

Expografia
Nando Lima

Instalação e montagem
Pedro Olaia - Dudu Lobato - Wan Aleixo - Bernard Freire - Nando Lima

Figurino
Telma Lima

Edição de vídeo
Nando Lima

Montagem de iluminação
Nelson Dantas

Contrarregra
Oiran Rocha

Recepção
Wan Aleixo - Bernard Freire

Produção e realização
Estúdio REATOR

Agradecimentos moradores dos bairros de São Brás e Fátima
Abílio Franco
Cincinato Marques Jr

Espetáculo I(mundo) Ubu – Imundas de Teatro

Adaptação do texto "Ubu rei" de Alfred Jerry.

Ubu é um personagem horrendo escrito em 1888, pelo dramaturgo Francês Alfred Jarry, mas que faz conotações contemporâneas da política do Brasil. Ele não tem escrúpulos, é corrupto e monstruoso. É com esta abordagem que o Coletivo Imundas estreia na cena paraense. O espetáculo "I(mundo) Ubu" fica em cartaz de 17 de novembro a 10 de dezembro, sempre de sexta a domingo, às 19h, no Fórum Landi (Praça do Carmo).

Ubu exerce um poder de líder social, mas de forma brutal e sanguinária. É através de sucessivos episódios em que se mostra um verdadeiro tirano, que sua política se revela catastrófica. Utilizando de sua imoralidade, esse chefe autoritário e sua Mãe Ubu realizam um golpe: um enorme saque nos cofres públicos.

A montagem pretende levar o espectador ao debate político, pois colocam em foco todos esses aspectos vivenciados pelos brasileiros nos últimos anos, como a crise econômica, a corrupção e os escândalos envolvendo os estadistas. É baseado neste cenário, que os atores criaram, das maneiras mais absurdas, as cenas deste contexto.

"O espetáculo surge da necessidade de fazer um teatro político, abordar questões que tocam na vida de cada um, seja individual ou no coletivo. Temas regionais e nacionais são relacionados com a obra de maneira a construir a narrativa desse grupo que se reuniu pra demonstrar sua indignação com a situação bizarra que vivemos na política, o retrocesso que grupos de extrema direita trazem para pautas no congresso", explica o diretor do espetáculo, Marcelo Andrade.

O processo de preparação do elenco foi intenso e contabilizou um ano entre pesquisa e ensaios. Os atores tiveram que se relacionar intimamente com a dramaturgia. "A ideia é que o elenco esteja inserido em todas as funções do

processo teatral como figurino, cenografia, iluminação e adaptação do texto. É uma forma de instrumentalizar os integrantes", conta o diretor.

Focando na preparação corporal como fundamental meio para alcançar a presença cênica que se espera na montagem, os atores receberam treinamento psicofísico voltado a técnicas orientais de preparação e um rigoroso trabalho de resistência física para conseguirem dar superar quase duas horas em cena.

"A ideia é que o elenco esteja inserido em todas as funções do processo teatral como figurino, cenografia, iluminação e adaptação do texto. É uma forma de instrumentalizar os integrantes", conta o diretor.

O "Coletivo Imundas" nasceu da união de atores, técnicos e produtores do espetáculo "Animalismo – A Nova Ordem Mundial", que ficou em cartaz pela última vez em setembro de 2016, e foi resultado do projeto de extensão "Jovens Encenadores", através do Grupo de Teatro Universitário, da Universidade Federal do Pará (UFPA).

Ao final de cinco temporadas, os integrantes resolveram dar continuidade ao processo de construção de espetáculos que trazem na essência o debate político, sempre atrelado à experimentação cênica de vertentes teatrais contemporâneas produzidas regional e nacionalmente. O objetivo é proporcionar o debate sobre o cenário político e social do Brasil.

°1 ATO - CENA 1

Conjunto de mães Ubu com irrigadores atirando água e elementos de cena que retratem o mundo sexual. (Coleiras, chicotes, vibradores e etc.) Sequência de movimentos que se adaptam dependendo da Mãe Ubu que esteja em evidência.

Finalmente achei um abrigo.
Atravessar a Polónia em quatro dias de ponta a ponta!
o palatino Giron.

Atravesso o rio a nado, esperando cansar meus perseguidores.
sufocada por um círculo

Consigo finalmente refugiar-me aqui.

Ah! Estou morta de cansaço e de frio.

Roubei dele muita pataca.

E quem quiser que vá buscar.



IMUNDAS APRESENTA

I (MUNDO) UBU

**LIVRE ADAPTAÇÃO DA OBRA
"UBU REI"
DE ALFRED JARRY**

**DIREÇÃO
MARCELO
ANDRADE**

**ESPAÇO FÓRUM LANDI
PRAÇA DO CARMO
R. SIQUEIRA MENDES, 60**

**DE 17 DE NOVEMBRO
A 10 DE DEZEMBRO
SEXTAS, SÁBADOS E DOMINGOS**

ÀS 19HS

**INGRESSOS
R\$20 GOLPES
(10 GOLPES
PARA ESTUDANTES)**

**CONTATO
91 982640364**

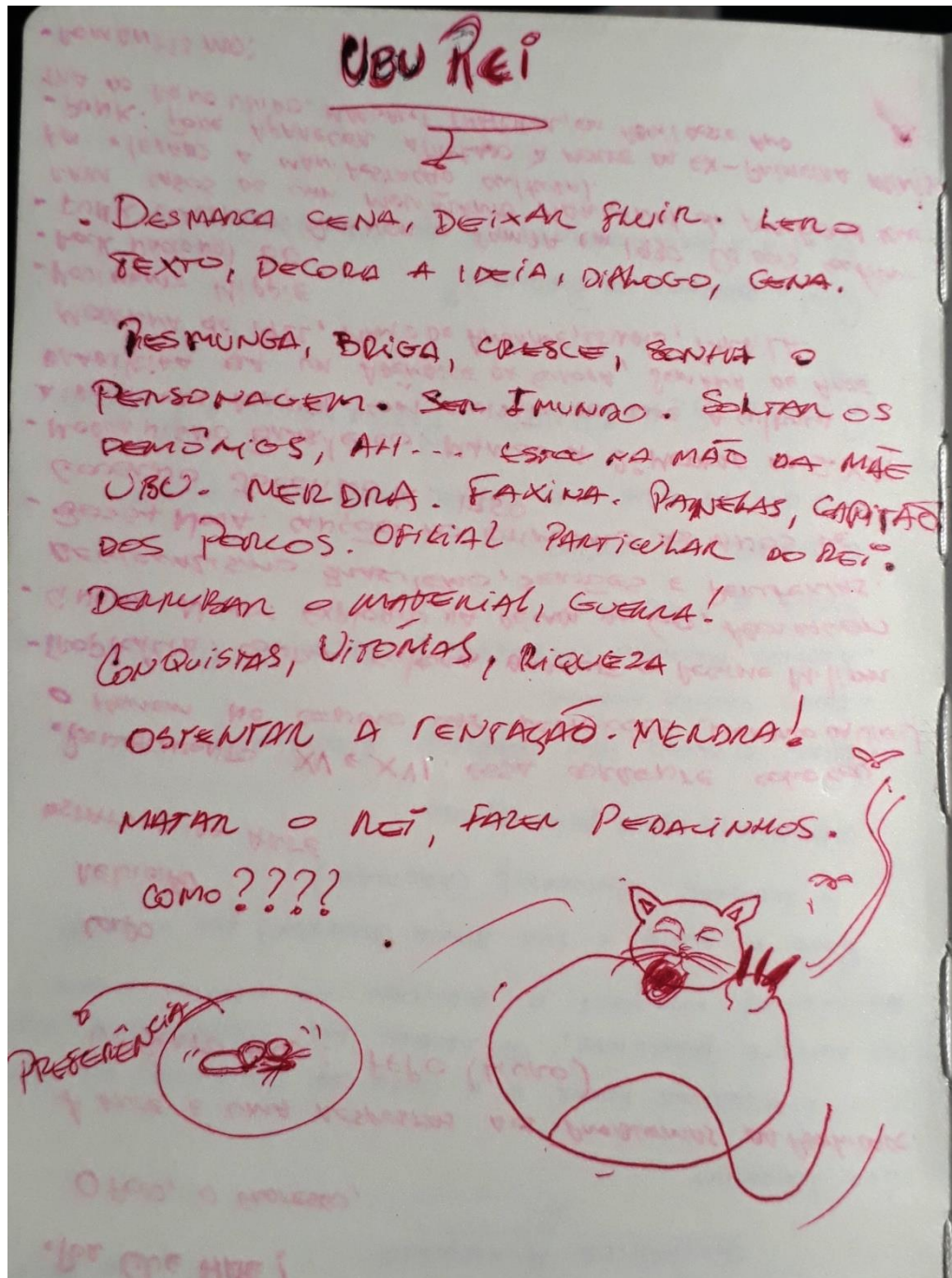
REALIZAÇÃO



APOIO



photograf



Continua no blog.

A imaginação cênica-performática codificada

Pretende-se apresentar nesse capítulo, o roteiro da cena performática a ser realizada no dia da defesa, como forma de apresentação de uma das partes de realização das minhas criações. Agindo sobre uma ação performática organizada a partir de uma ideia para que se possa elaborar uma criação artística do que vivenciei e experimentei durante os processos. A cena mostrará um ambiente muito particular que procuro desenvolver em meus processos.

Para apresentar, pensei na sala 1 do PPGARTES, como lugar desse registro onde a performance acontecerá. Mostrando o meu cotidiano desde o acordar até o momento da defesa, numa sinestesia da criação e registro da obra. Valendo-se de todas as referências que me atravessaram e me levaram até ali, na conclusão do mestrado.

Roteiro da performance

Sala 1, 17h07. Um pequeno despertador está posicionado sobre a mesa. Pego ele e programo o tempo estimado para a performance. 22 minutos. Nesse instante, aciono um imaginário criativo das palavras. Trazendo na ação o que se foi planejado desdobrando-o em ato criativo o conjunto dos movimentos registrados.

MOVIMENTO 1: Ao chegar no PPGARTES, dou início ao ato performativo da ação. Produzindo o movimento dos pensamento e concretizando o que se foi planejado. O horário de chegada será às 10h da manhã do dia 28/06, para que eu possa me instalar e organizar o espaço.

MOVIMENTO 2: No ambiente, foco de luzes adaptada ao espaço; numa parte da parede uma projeção em fragmentos mostrará o cotidiano e atravessamentos desde o despertar do dia. Um radinho a pilha estará ligado baixinho para apresentar as informações da cidade em tempo real. Na sala, os sons e a projeção se juntarão ao conjunto numa sinestesia da realização performática.

Enquanto a performance acontece, uma cafeteira estará ligada preparando café durante a ação para que o cheiro se espalhe pela sala (pensasse em outra coisa como menta, mato, aromas naturais, outro contato).

MOVIMENTO 3: Microfones com retornos. Áudio no espaço narrando trechos das minhas palavras produzidas no momento. Luzes coloridas para iluminar a sala. Uma LIVE no Instagram feita pelo celular transmitirá os 22 minutos da performance em vários cantos da sala. Uma câmera fotográfica irá ficar posicionada em um canto registrando o desenho com luz que se formará nesse ambiente.

Nesses 22 minutos, estarei finalizando o mestrado e apresentando em fragmentos, o que foi suscitado nesse percurso da pós-graduação.

MOVIMENTO 4: Edição e ajuste da dissertação final para o blog palavra-corpo. Impressão em A4.

Música rolando no ambiente.

Stlist:

Debussy: Suite bergamasque, L.75 - 3. Clair de lune

Clap Your Hands - Parov Stelar

70s Japanese Jazz Mix Vol.2 (Jazz-funk, Soul Jazz, Rare groove, Drum Breaks..)

MOVIMENTO 5: Postagem e compartilhamento dos movimentos registrados até o tempo programado no despertador. Finalização dos movimentos.

Considerações finais

Para concluir essa pesquisa assista o vídeo da performance midiática que se encontra em anexo no *DVD* ou *pen drive* em anexo desta dissertação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AZEVEDO, Luciene. **Blogs: a escrita de si na rede dos textos**. Matranga, Rio de Janeiro, ano 14, n.21, p. 44-55, jul./dez. 2007.

BACHELARD, Gaston. **A formação do espírito científico**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

BARTHES, Roland. **Essais Critiques. Le Seuil, Paris**. [Trad. bras., Perspectiva, São Paulo, 1970.

COLLA, Ana Cristina. **Caminhante, não há caminhos. Só rastros**. São Paulo: Perspectiva: Fapesp, 2013.

DELEUZE, Gilles. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia 2, vol. 1**. Gilles Deleuze, Félix Guatarri; tradução de Ana Lúcia de Oliveira, Aurélio Guerra Neto e Celia Pinto Costa. – São Paulo: Editora 34, 2011 (2ª edição). 128 p.

DELEUZE, Gilles. **O ato criador. In: Dois regimes de Loucos**. São Paulo: 2016. Ed. 34.

FLUSSER, Valém. **O mundo codificado: por uma filosofia do designer e da comunicação**. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

KEMP, Kênia. **Corpo modificado, corpo livre?**. São Paulo: Paulus, 2005.

LE BRETON, David. **Adeus ao corpo: antropologia e sociedade**. Campinas: Papyrus, 2003. 240 p,

LEÃO, Lucia. **O labirinto da hipermídia: arquitetura e navegação no ciberespaço**. 3. Ed. São Paulo: Iluminarias, 2005.

LIMA, Wladilene de Sousa. **A nascente da rede teatro d@ floresta**. PROJETO DA REDE TEATRO D@ FLORESTA, 23 jun. 2009. Disponível em: <http://teatrodafloresta.blogspot.com.br/2009/06/blogs-dos-artistas-da-cena-da-rede.html> Acesso em: 04/10/ 2016.

MATUCK, Arthur; ANTONIO, Jorge Luiz. **Arte Mídia e cultura digital**. Arthur Matuck, Jorge Luiz Antonio [organizadores]. - São Paulo: Musa Editora, 2008.

MARTINS, Beatriz Silva. **Autoria em rede: os novos processos autorais através das redes eletrônicas**. 1 ed. Rio de Janeiro: Mauad, 2014.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virginia; DA ESCÓSSIA, Liliana (Org.). ***Pista do método da cartografia. Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade.*** Porto Alegre: Sulina, 2009.

SALLES, Cecília A. ***Gesto inacabado: processo de criação artística.*** São Paulo: Annablume, 1998.

SIBILIA, Paula. ***O homem pós-orgânico: a alquimia dos corpos e das almas à luz das tecnologias digitais- 2.*** Ed. – Rio de Janeiro: Contraponto, 2015.

SIBILIA, Paula. ***O show do eu: a intimidade como espetáculo.*** Rio de Janeiro: Contraponto, 2016.

LÉVY, Pierre. ***O que é virtual?*** – Tradução de Paulo Neves. São Paulo. Editora 34, 2011.